

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO EM UM GRUPO DE
HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER – COMPARAÇÃO
ENTRE UM TESTE PROJETIVO E UM TESTE DE AUTORRELATO**

ÁLVARO ZANETI SANTOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE PSICOLOGIA

Orientadora: Professora Dra. Denise Ruschel Bandeira

Porto Alegre, 2017.

ÁLVARO ZANETI SANTOS

**AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO EM UM GRUPO
DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER –
COMPARAÇÃO ENTRE UM TESTE PROJETIVO E UM TESTE DE
AUTORRELATO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia Noturno – Habilitação Psicólogo – do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referente às disciplinas de TCC-I e TCC-II, como requisito parcial à obtenção do grau, sob orientação da Professora Dra. Denise Ruschel Bandeira.

Orientadora: Professora Dra. Denise Ruschel Bandeira

Porto Alegre, 2017.

Avaliação do comportamento agressivo em um grupo de homens autores de violência contra mulher – comparação entre um teste projetivo e um teste de autorrelato

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia Noturno – Habilitação Psicólogo – do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referente às disciplinas de TCC-I e TCC-II, como requisito parcial à obtenção do grau, sob orientação da Professora Dra. Denise Ruschel Bandeira.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2017

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Professora Dra. Denise Ruschel Bandeira

Dra. Vivian de Medeiros Lago

Porto Alegre, 2017.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre em primeiro lugar, e a todos aqueles que me auxiliam na minha caminhada.

A minha família extensa, em especial àqueles que compartilharam diariamente comigo esta jornada, com todas minhas dúvidas e certezas, angústias e alegrias, a cada semestre, a cada ano, me auxiliando a chegar hoje aqui – pai, mãe, mano, mana, tio Carlos, tia Ângela e Ana; e aos meus avós, os que já se foram e os que continuam por aqui, por serem minhas raízes nessa terra.

Aos meus professores, supervisores e colegas, por me enriquecerem a cada discussão, por me mostrarem visões diferentes sobre o mundo e me ajudarem a evoluir como profissional e como pessoa.

Aos grupos e instituições pelos quais passei e com os quais muito aprendi: o LPNeC (a professora Rosa, a professora Lisiane e a Fernanda), o CPAD (o professor Pechansky e o professor Kessler), o Ambulatório de Neuropsicologia (as professoras Jerusa e Claudia, a Jaque, a Nati e todos os supervisores), o pessoal da Genética (o professor Renato e a Carol), a Clínica Pinel (o Edilson e a Dra Beatriz) e a Clínica da UFRGS (a Mara, a Ieda, a Cida, a Simone e o professor Paulo).

A algumas pessoas que marcaram meu caminho: a Ju e o Murilo, as professoras Renata, Adriana e Clary, o professor Tadeu da Bioquímica, a professora Denise da Fisiologia e o Chrystian, que acabei encontrando por diversas vezes em diferentes lugares, e com quem pude dividir muitas experiências.

A todo o grupo do GEAPAP, por me acolherem e muito me ensinarem e me auxiliarem na minha formação, em especial o Sérgio, que me apresentou esse grupo maravilhoso, a Sônia, sem a qual não haveria esse trabalho e a professora Denise, por sua orientação e sua confiança.

Por fim, aos meus dois mestres, meus professores, meus amigos, meus guias, meus pais (Alexandre e Carlos), sem os quais meu caminho não seria assim. Todo meu amor e gratidão.

RESUMO

Introdução: Hoje considerada uma questão de saúde pública, a violência contra mulher é uma forma de manifestação do comportamento agressivo. No Brasil, em 35,1% dos casos notificados de violência contra mulher, o parceiro ou ex-parceiro é apontado como autor dessa agressão. No intuito de melhor entender esse fenômeno, a avaliação psicológica desses homens ganha maior relevância no contexto forense, em especial pela utilização de instrumentos projetivos em detrimento de testes de autorrelato. **Objetivo:** Comparar as respostas quanto ao comportamento agressivo de uma população de homens autores de agressão contra mulher, quando avaliados por um instrumento de autorrelato e por um instrumento projetivo. **Método:** 31 homens indiciados e julgados em processos de violência contra mulher foram avaliados pelo Método de Rorschach (Sistema R-PAS *Rorschach Performance Assessment System*) e pelo *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS2). **Resultados:** Os índices de agressividade do Rorschach, AGM (movimento agressivo) e AGC (conteúdo agressivo), não indicaram maior nível de agressividade na amostra de agressores quando comparados à amostra normativa, enquanto que 93,55% dos homens confirmaram pelo menos um comportamento agressivo para com suas companheiras. **Conclusões:** Para a amostra de agressores estudada, o teste de autorrelato mostrou-se mais efetivo na avaliação da agressividade do que o teste projetivo.

Palavras-chave: Comportamento Agressivo; Avaliação Forense; Rorschach; CTS2

ABSTRACT

Introduction: Considered a public health issue nowadays, violence against women is an aggressive behavior manifestation. In Brazil, in 35.1% of reported cases of violence against women, the partner or ex-partner is identified as the perpetrator of this aggression. In order to better understand this phenomenon, the psychological evaluation of these men gains more relevance in the forensic context, especially by the use of projective instruments in detriment of self-report tests. **Objective:** To compare the responses regarding the aggressive behavior of a population of male aggressors against women, when evaluated by a self-report instrument and a projective instrument. **Method:** 31 men indicted and judged in cases of violence against women were evaluated by the Rorschach Performance System (R-PAS) and by the Revised Conflict Tactics Scales (CTS2). **Results:** Rorschach's indices of aggressiveness, AGM (aggressive movement) and AGC (aggressive content), did not indicate a higher level of aggression in the aggressor sample when compared to the normative sample, while 93.55% of the men confirmed at least one aggressive behavior towards their partners. **Conclusions:** For the studied sample of aggressors, the self-report test was more effective in the evaluation of aggression than the projective test.

Key words: Aggressive Behavior; Forensic Assessment; Rorschach; CTS2

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
MÉTODO.....	11
<i>PARTICIPANTES</i>	11
<i>INSTRUMENTOS</i>	11
<i>PROCEDIMENTOS DE COLETA E DE ANÁLISE</i>	12
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS.....	16

Avaliação do Comportamento Agressivo em um grupo de homens autores de violência contra a mulher – comparação entre um teste projetivo e um teste de autorrelato

Álvaro Zaneti Santos

Denise Ruschel Bandeira

INTRODUÇÃO

É difícil conceituar, dimensionar e mensurar o comportamento agressivo, visto que este é um construto complexo e multidimensional, com diferentes definições e que possui múltiplas variáveis envolvidas (Borsa & Bandeira, 2014). Nesse sentido, Tremblay (2000) afirma que, quando bem modulado, esse tipo de comportamento pode se mostrar como importante mecanismo para sobrevivência dos indivíduos. Contudo, ao mesmo tempo reforça, assim como Coie e Dodge (1998) e Hay, Payne e Chadwick (2004), que seus efeitos negativos recaem tanto sobre a vítima quanto sobre o agressor. Dessa forma, uma das definições possíveis para esse fenômeno, a qual será utilizada no presente trabalho é: comportamento violento (ou agressão) é todo o ato intencional que objetiva causar dano, dor ou prejuízo a outra pessoa e/ou objeto (Coie & Dodge, 1998).

Dentre as diferentes manifestações desse comportamento, encontramos a violência contra mulher, que há tempo se faz presente em nossa sociedade, em especial no âmbito da vida privada (Conselho Federal de Psicologia – CFP, 2012). Atualmente, segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (2013), ela chega a afetar aproximadamente 1/3 das mulheres ao redor do planeta, adquirindo proporções de uma epidemia, devendo ser tratada como uma questão de saúde pública mundial. Ainda de acordo com a OMS (2013), em torno de 38% dos assassinatos de mulheres no mundo são cometidos por seus parceiros, estando os índices de mulheres que têm um relacionamento e sofreram violência física e/ou sexual perpetrada por seus parceiros variando entre 30% e 38%, dependendo do país.

Em relação ao contexto brasileiro, conforme o Waiselfisz (2015), observa-se que, a partir de dados de 83 países, coletados pela OMS, o Brasil ocupa a 5ª posição em termos de homicídios de mulheres, com uma taxa, em 2013, de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres. Essa taxa representa um aumento de 111,1% quando comparada a taxa de 1980 – 2,3 vítimas por 100 mil. Já em número de vítimas, podemos ver um crescimento maior ainda, 252%, passando de 1.353 mulheres assassinadas em 1980 para 4.762 em 2013.

Durante muito tempo, por ser algo culturalmente aceito, a violência doméstica contra mulher não foi considerada crime no Brasil. Contudo, com o crescimento de movimentos feministas e sociais e com o maior envolvimento de organizações internacionais, esse panorama foi se modificando e a questão da violência contra mulher ganhou um enfoque diferenciado em nossa sociedade, passando a adquirir inclusive relevância no contexto jurídico (Griebler & Borges, 2013). Isso se torna especialmente claro com a Lei 11.340/2006, a chamada Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra mulher. A partir dessa perspectiva, a problemática da violência contra mulher sai da esfera privada e passa para responsabilidade do Estado (Bandeira, 2009). Nesse prisma, torna-se interessante atentar para os diferentes fatores que envolvem esse fenômeno complexo e, conseqüentemente, multifacetado que é a violência contra mulher. Dentre eles, pode-se salientar o homem autor desse tipo de violência.

Em 2013, no Brasil, 35,1% dos casos notificados de agressões contra mulheres tiveram como agressor o parceiro ou ex-parceiro das vítimas (Waiselfisz, 2015). Sendo assim, faz-se clara a importância de um maior entendimento acerca desses homens. Em uma revisão sistemática, Silva, Coelho e Moretti-Pires (2014) puderam perceber “um maior risco de violência contra parceira entre homens desempregados, com baixa escolaridade, usuários de álcool e/ou outras drogas e testemunhas de violência na família” (p. 282). Esses autores ainda revelam que outras características precisam ser mais investigadas, como a idade do agressor e o tempo de relacionamento com a vítima. Da Rosa, Boing, Büchele, De Oliveira e Coelho (2008), em um estudo realizado com homens autores de violência contra suas companheiras, encontraram como possíveis causas da violência conjugal, na visão desses homens, “interferência de pessoas estranhas à relação conjugal; presença de ações e comportamentos inadequados da companheira; domínio da mulher sobre o companheiro; resposta à agressão física, verbal ou psicológica da companheira; hábito de beber e situação financeira” (p. 158). Esses mesmos autores observam que apesar de não negarem o ato violento, esses homens não compreendiam que essa postura os caracterizava como agressores. A despeito desses dados, ambos os trabalhos – Silva et. al. (2014) e Da Rosa et. al. (2008) – ressaltam a escassez de pesquisas que se detenham sobre a visão do agressor nos contextos de violência contra mulher, pois a maioria dos estudos nesses casos é conduzida com as vítimas.

Existem diferentes formas de se conhecer mais sobre o comportamento desses agressores, dentre as quais encontramos a avaliação psicológica, que, segundo Androvandi,

Serafini, Trentini e Coelho (2007), é um conjunto de métodos e técnicas pelos quais os psicólogos buscam compreender os sujeitos, identificando e caracterizando uma variedade de respostas comportamentais sobre diferentes aspectos das atitudes humanas. Isso ocorre por intermédio da utilização de diferentes instrumentos de avaliação: observação, entrevistas e testes. Em relação aos últimos, existem diferentes categorias de testes. Pasquali (2010) propõe, entre outras, uma divisão em dois tipos, os psicométricos e os impressionistas/projetivos, sendo que cada tipo apresenta seus aspectos positivos e suas limitações, que devem ser considerados pelo psicólogo no momento de escolha dos instrumentos a serem utilizados numa avaliação (Fensterseifer & Werlang, 2011). Sobre os testes psicométricos, estes buscam mensurar um construto por meio de critérios objetivos, obtidos por tarefas padronizadas e analisados estatisticamente (Pasquali, 2001). Quanto aos projetivos, as tarefas são pouco estruturadas, e os critérios de interpretação passam por um viés mais subjetivo. Além disso, nesses testes presta-se mais atenção ao comportamento verbal e não verbal do sujeito durante a avaliação (Bandeira, Trentini, Winck, & Lieberknetch, 2006), sendo as técnicas projetivas importantes ferramentas para a identificação de características e traços de personalidade, bem como de sinais e sintomas relacionados a quadros psicopatológicos (Fensterseifer & Werlang, 2011).

É importante ressaltar que a avaliação psicológica pode ser realizada em diferentes contextos, cada qual com suas especificidades. Quando, por exemplo, buscamos compreender o comportamento de um sujeito em um âmbito forense, como é o caso da avaliação dos homens autores de violência contra mulher, é necessário atentar para o objetivo final da avaliação, que sempre será responder uma questão legal expressa por um agente jurídico. Nos casos que envolvem o comportamento violento, as questões legais se relacionam à verificação da responsabilidade penal (imputabilidade) do acusado ou a decisões quanto à conduta futura do sujeito em relação a uma possível reincidência (Rovinski, 2004).

Nesse sentido, a técnica do Rorschach tem sido indicada como instrumento de avaliação para o contexto forense. Isso se deve a algumas características: 1) é um teste projetivo, o que dificulta a possibilidade de controle das respostas por parte do sujeito que está sendo avaliado; 2) por trabalhar com os dados de forma quantitativa, permite a comparação do sujeito avaliado com tabelas normativas; e 3) avalia indicadores da personalidade, que possuem uma tendência a se manterem estáveis ao longo do tempo. Dessa forma, esse é um instrumento com grande capacidade para auxiliar na elucidação dos

questionamentos mais comuns da justiça (Weiner, 2001; Gacono, EvansIII, & Viglione, 2008), sendo reconhecido por sua validade e sua confiabilidade (Society for Personality Assessment, 2005). Em contra partida, os testes construídos para avaliação psicológica no âmbito forense, conforme nos aponta Rovinski (2008), “são construídos em forma de questionários e tornam-se mais vulneráveis em relação à manipulação por parte do avaliando” (p. 109). Assim, questionários e escalas de autorrelato - testes psicométricos - não seriam os instrumentos mais indicados em um contexto de avaliação forense, haja vista que o sujeito avaliado teria maior facilidade em manipular suas respostas em prol de seu próprio benefício.

A partir disso, o objetivo do presente trabalho foi comparar a avaliação do comportamento agressivo em uma população de homens autores de violência contra mulher por meio de um instrumento projetivo e por meio de um instrumento de autorrelato.

MÉTODO

Participantes

Foram avaliados 31 homens indiciados e condenados junto ao Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher de um município da região Sul do Brasil. Todos eram participantes do Grupo Reflexivo de Gênero, que ocorria dentro do Foro Central e era coordenado por uma psicóloga judicial. Nenhum deles respondia judicialmente a outro processo.

Suas idades oscilaram entre 20 e 65 anos ($M=42$; $DP=12,3$). 35,48% da amostra possuía até 8 anos de estudo (Ensino Fundamental Incompleto ou Completo); 41,94%, de 9 a 11 anos, (Ensino Médio Incompleto ou Completo); e 22,58%, a partir de 12 anos, (Ensino Superior Incompleto ou Completo/ Pós-graduação). A maioria era da cor branca (61%), com estado civil solteiro (48%) e com renda entre 1 e 5 salários mínimos (80%).

Instrumentos

O instrumento projetivo utilizado foi o Método de Rorschach. No Sistema Compreensivo (SC) (Exner, 2003), um dos modelos mais utilizados para aplicação, codificação e interpretação da técnica do Rorschach, encontra-se apenas um indicador específico de agressividade, qual seja, AG, que expressa a percepção de movimentos agressivos. Entretanto, outros indicadores já foram propostos, tais como AgC (conteúdos agressivos), AgPot (agressividade potencial), AgPast (agressividade passada) e SM

(sodomismo) (Gacono & Meloy, 1994). Após muitos estudos sobre essas diferentes variáveis, temos atualmente no *Rorschach Performance Assessment System (R-PAS)* – sistema mais novo de avaliação por meio do Rorschach –, os índices AGM (movimento agressivo – antigo AG no SC) e AGC (conteúdo agressivo) como indicadores específicos de agressividade (Meyer, Viglione, Mihura, Erard, & Erdberg, 2011), objetivando uma avaliação mais ampla desse construto. No presente estudo, optou-se pela utilização do Sistema R-PAS.

Para avaliação por um teste psicométrico, foi utilizado o *Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)* (Straus, 2003), em sua versão adaptada por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002) para uso no contexto brasileiro. Esse instrumento de autorrelato, que foi concebido para avaliar relações agressivas entre casais, é composto por 78 questões que descrevem possíveis ações do sujeito avaliado e, reciprocamente, de sua companheira. Esses itens encontram-se divididos em cinco dimensões: Negociação, Agressão Psicológica, Agressão Física, Injúria e Coerção Sexual. A avaliação vai desde a verificação se houve ou não uma ação violenta (respostas “sim ou não” para cada item), até formas mais elaboradas com quantificação da frequência de cada ação (Moraes, Hasselmann, & Reichenheim, 2002). Neste trabalho, a escala de respostas foi do tipo “sim ou não”.

Procedimentos de coleta e de análise

As avaliações ocorreram no Foro, mesmo local do Grupo, em horário imediatamente anterior ou posterior a este. Como o grupo ocorria em um total de 12 encontros, os sujeitos foram convidados a participarem da pesquisa entre o 4º e o 8º encontros, pois já se encontravam adaptados ao Grupo e ainda apresentavam um bom engajamento com a proposta. Após o aceite, os encontros eram marcados.

Inicialmente era apresentado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguido por uma entrevista para coleta de dados sociodemográficos. Posteriormente os sujeitos eram avaliados com o Rorschach e o CTS2, sendo que estes foram aplicados em uma ordem inversa em metade da amostra, para minimizar interferências no viés de ordem dos instrumentos. Todas as variáveis coletadas foram analisadas estatisticamente por meio do programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*.

Os protocolos do Rorschach foram coletados por três psicólogas com experiência na técnica, sendo que todas as codificações foram feitas em conjunto pelas três. Uma amostra de sete casos (22%) foi sorteada para ser codificada por uma juíza experiente no Método de

Rorschach pelo Sistema R-PAS. A partir das duas codificações, calculou-se o índice de concordância intraclasse (*Intraclass Correlation Coefficient* – ICC). As discordâncias foram discutidas por todas avaliadoras até serem estabelecidos consensos quanto às codificações.

Para análise da avaliação da agressividade por meio do Rorschach, foram consideradas as variáveis AGM e AGC. As médias desses índices para o grupo de homens autores de violência contra mulher foram comparadas, por meio de teste *t*, aos valores de referência da amostra normativa do manual do R-PAS. Quanto aos resultados do CTS2, os itens foram avaliados conforme seus conteúdos, sendo considerados no presente trabalho aqueles que se relacionavam a atitudes agressivas tomadas pelo homem. As respostas foram analisadas de acordo com a frequência do relato de comportamentos agressivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ICC para as variáveis AGM e AGC foi obtido a partir da análise da concordância para os conteúdos temáticos, categoria a qual os dois indicadores pertencem. O resultado foi um ICC excelente – ICC= 0.75, com intervalo de confiança de 95%= 0.65 – 0.82 (Meyer et. al, 2011).

O resultado da comparação com teste *t* das médias de AGM e AGC entre o grupo de homens autores de violência e a amostra normativa do manual está descrito na tabela 1.

Tabela 1. Comparação de médias nos indicadores de agressividade no R-PAS.

Variáveis no R-PAS	Grupo normativo	Grupo de homens autores de violência contra a mulher	<i>t</i> (<i>gl</i>)	<i>p</i>	<i>d</i>
	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)			
AGM	0.5(0.8)	0.6(1.2)	(30)=0.6	0.52	0.10
AGC	3.1(1.9)	1.9(1.7)	(30)=-3.6	0.001	0.64

Conforme os dados da tabela, o índice AGM mostrou-se muito próximo nas duas populações, não indicando diferenças quanto à percepção de movimentos agressivos entre os grupos. Já a variável AGC encontra-se significativamente mais baixa no grupo de homens autores de violência contra mulher, denotando que esse grupo percebe menos conteúdos agressivos. Esses achados contrariam a literatura que aponta para AGM como um preditor negativo de comportamentos agressivos e para AGC como preditor positivo, sendo esperado

que homens com comportamentos agressivos – como a amostra estudada neste trabalho – apresentem baixos valores para AGM e valores mais altos para AGC (Gacono & Meloy, 1994; Katko, Meyer, Mihura, & Bombel, 2010; Benjestorf, Viglione, Lamb, & Giromini, 2013).

Na avaliação pelo CTS2, foi utilizada a versão masculina, sendo analisadas as questões que dizem respeito às atitudes dos homens (autorrelato) e desconsideradas as questões sobre as atitudes das companheiras. No que tange às cinco dimensões do instrumento, Negociação, Agressão Psicológica, Agressão Física, Injúria e Coerção Sexual, optou-se por não se avaliar as respostas aos itens relacionados à Negociação, por não se tratarem de ações propriamente agressivas. Verificou-se que 29 dos 31 sujeitos avaliados (93,55%) relataram alguma atitude agressiva para com suas companheiras. Na tabela 2 pode-se observar a distribuição dos comportamentos agressivos conforme as dimensões avaliadas pelo instrumento.

Tabela 2. Frequência de homens que confirmaram comportamentos agressivos por autorrelato no CTS2.

Dimensões CTS2	f (%)
Agressão Psicológica	28 (90,32)
Agressão Física	23 (74,2)
Injúria	20 (64,51)
Coerção Sexual	6 (19,35)

De acordo com esses dados os homens avaliados realmente agiram de forma agressiva e têm consciência dessas ações. Além disso, não é possível afirmar que eles manipularam suas respostas para benefício próprio, tendo em vista que afirmam terem cometido as atitudes agressivas.

Dessa maneira, enquanto a avaliação por meio do Rorschach não identificou esses sujeitos como agressivos, no CTS2 eles afirmam realizar ações violentas para com suas companheiras. Uma explicação possível para esses resultados, conforme afirmam alguns estudos (Exner, 2003; Meyer et. al, 2011; Benjestorf et. al, 2013), pode estar associada ao número reduzido de variáveis específicas para avaliação da agressividade no Método de Rorschach, em especial quando utilizado em contextos coercitivos. Também, pode não ter

ocorrido manipulação nos informes do CTS2 em função de esses sujeitos já terem passado pelo processo de julgamento, não se importando mais com o resultado da avaliação.

Em outra perspectiva, esses achados podem estar vinculados à dificuldade que os sujeitos autores de violência possuem em identificar suas atitudes como violentas (Lamoglia & Minayo, 2009), possibilitando que eles afirmem a realização de atos violentos contra suas companheiras de forma natural em um teste de autorrelato e minimizando o aumento da tensão interna gerada pela agressividade, fazendo com que os conteúdos agressivos não sejam percebidos nas lâminas do teste projetivo. Dessa maneira, pode-se dizer que esses achados estariam mais relacionados às especificidades dessa amostra, e que seriam necessárias adaptações para avaliação dessa população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desses resultados, é possível dizer que a avaliação das atitudes agressivas por meio do instrumento de autorrelato, o CTS2, mostrou-se mais efetiva nessa amostra de homens autores de violência contra mulher do que a avaliação da agressividade pelos índices propostos no instrumento projetivo, o Método de Rorschach no Sistema R-PAS, contrariando o esperado pela literatura. Fica clara, assim, a necessidade de mais estudos 1) no que tange a avaliação psicológica no âmbito dos comportamentos agressivos no contexto forense; e 2) na busca de um entendimento mais aprimorado sobre esse fenômeno que é a violência contra mulher, em particular sobre os homens autores dessa violência.

REFERÊNCIAS

- Androvandi, C., Serafini, A.J., Trentini, C.M., & Coelho, E. (2007). Imputabilidade penal, capacidade cognitiva e instrumentos de medida psicológica. *Revista Psicologia em Foco*. Recuperado de <http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1127/1599>.
- Bandeira, D.R., Trentini, C.M., Winck, G.E., & Lieberknetch, L. (2006). Considerações sobre as técnicas projetivas no contexto atual. In: A.P.P. Noronha, A.A.A. Santos, & F.F. Sisto (eds.). *Facetas do fazer em avaliação psicológica* (p. 125-139). São Paulo: Vetor.
- Bandeira, L. (2009). Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. *Revista Sociedade e Estado Brasília*, 24(2), 401-438.
- Benjestorf, S.T.V., Viglione, D.J., Lamb, J.D., & Giromini, L. (2013). Suppression of aggressive Rorschach responses among violent offenders and nonoffenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(15), 2981-3003.
- Borsa, J.C., & Bandeira, D.R. (2014). Uma breve introdução ao tema dos comportamentos agressivos. In: J.C. Borsa, & D.R. Bandeira (org.). *Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática* (p. 9-22). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Coie, J.D., & Dodge, K.A. (1998). Aggression and antisocial behavior. In: W. Damon, & N. Eisenber (eds.). *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (Vol. 3, p. 779-862). Toronto: Wiley.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2012). *Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência*. Recuperado de <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Nota-tecnica-de-orientacao-profissional-para-casos-de-violencia-contra-a-mulher4.pdf>.
- Da Rosa, A.G., Boing, A.F., Büchele, F., De Oliveira, W.F., & Coelho, E.B.S. (2008). A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. *Saúde e Sociedade*, 17(3), 152-160.
- Exner, J.E. (2003). *The Rorschach: A Comprehensive System* (4th ed.). New York: John Wiley.

- Fensterseifer, L., & Werlang, B.S.G. (2011). Apontamento sobre o *status* científico das técnicas projetivas. In: A.E. Villemor-Amaral, & B.S.G. Werlang. *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gacono, C.B., Evans III, F.B., Viglione, D.J. (2008). Essential issues in the forensic use of the Rorschach. In: C.B. Gacono, & B. Evans. *The handbook of forensic Rorschach assessment* (p.3-20). New York: Routledge.
- Gacono, C.B., & Meloy, J.R. (1994). *The Rorschach Assessment of Aggressive and Psychopathic Personalities*. New Jersey: Laurence Erlbaum Associates.
- Griebler, C.N., & Borges, J.L. (2013). Violência contra a mulher: perfil dos envolvidos em boletins de ocorrência da Lei Maria da Penha. *Psico* 44(2), 215-225.
- Hay, D.F., Payne, A., & Chadwick, A. (2004). Peer relations in childhood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(1), 84-108.
- Katko, N.J., Meyer, G.J., Mihura, J.L., & Bombel, G. (2010). A principal components analysis of Rorschach aggression and hostility variables. *Journal of Personality Assessment*, 92 (6), 594-598.
- Lamoglia, C.V.A., & Minayo, M.C.S. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 595-604.
- Lei n. 11.340, de 7 de Agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art.226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Internacional para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Recuperado de www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.
- Meyer, G.J., Viglione, D.J., Mihura, J.L., Erard, R.E., & Erdberg, P. (2011). *Rorschach Performance Assessment System. Administration, Coding, Interpretation, and Technical Manual*. Toledo, OH: Rorschach Performance Assessment System.

- Moraes, C.L., Hasselmann, M.H., & Reichenheim, M.E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflicts Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-176.
- Organização Mundial da Saúde – OMS (2013). *Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence*. Genebra: OMS.
- Pasquali, L. (2001). Testes psicológicos: conceitos, história, tipos e usos. In: L. Pasquali (org.). *Técnicas de exame psicológico – TEP* (p. 171-193). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Rovinski, S.L.R. (2004). *Fundamentos da perícia psicológica forense*. São Paulo: Vetor.
- Rovinski, S.L.R. (2008). O Rorschach e as técnicas projetivas no contexto forense. In: A.E. Villemor-Amaral, & B.S.G. Werlang (org.). *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica* (p. 107-119). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, A.C.L.G., Coelho, E.B.S., & Moretti-Pires, R.O. (2014). O que se sabe sobre o homem autor de violência contra a parceira íntima: uma revisão sistemática. *Revista Panamericana de Salud Pública* 35(4), 278-283.
- Society for Personality Assessment (2005). The status of the Rorschach in clinical and forensic practice: an official statement by the board of trustees of the Society for Personality Assessment. *Journal of Personality Assessment*, 85 (2), 219-237.
- Straus, M. (2003). *Handbook for the Conflict Tactics Scales (CTS)*. Durham: Family Research Laboratory, University of New Hampshire.
- Tremblay, R.E. (2000). The development of aggressive behavior during childhood: What have we learned in the past century? *International Journal of Behavioural Development*, 24(2), 129-141.
- Waiselfisz, J.J. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Recuperado de www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php.

Weiner, I.B. (2001). El valor del Rorschach em la clínica y em la práctica forense. *XI Congresso Latinoamericano de Rorschach y otras técnicas proyectivas.*